



Apostolado do Oratório

Eucaristia, nova e eterna Páscoa

A vigília pascal é a celebração central e mais solene do calendário litúrgico. É uma comemoração jubilosa de toda a história da salvação, na qual o mistério da nossa redenção é renovado.

Pe. Rafael Ramón Iburguren Schindler*, EP

Na realidade, cada missa também torna esse mistério presente e completo. Mas naquela noite sagrada acontece a chamada “mãe de todas as vigílias”... e de toda a Eucaristia.

O que significa a palavra “Páscoa”? Significa “passagem”. Esta palavra se identifica com a passagem do povo de Israel da escravidão do Egito para a terra prometida, um sinal, por sua vez, da passagem da morte e do pecado para a nova vida em Cristo.

Mas essa palavra “passagem” alude acima de tudo e imediatamente à passagem de Deus na noite da libertação do povo escolhido, através do seu Anjo exterminador. Como é sabido, por mandato divino transmitido a Moisés, os judeus marcaram as portas de suas casas com o sangue do cordeiro pascal sacrificado. Então, quando o anjo justiceiro, que em seu desígnio espalhou a última praga que foi a morte dos primogênitos, atravessou as casas dos hebreus marcados com aquele sangue, “passou” direto, seguindo seu caminho. Mas, nas casas dos egípcios que não tinham tal marca, ele os castigou entrando e matando os filhos mais velhos.

É por isso que o festa da Páscoa judaica se tornou um grande evento na religião de Israel. Deus determinou que fosse celebrado todos os anos, como um memorial da passagem da escravidão para a liberdade.

Foi nesse quadro, isto é, durante a celebração de um jantar judaico pascal, que Nosso Senhor instituiu a Eucaristia, o supremo e definitivo sacrifício libertador que faz com que Deus “passe” por nossas vidas. Dá-nos a vida eterna, é a permanência de Deus em nós. Na realidade, no mistério eucarístico, Deus não passa, mas permanece... “passa” a viver em nós!

Para entender melhor o Sacrifício da Nova Aliança que é a nossa Missa, é importante saber mais sobre como era a celebração da Páscoa judaica. Os evangelistas, ao narrarem o que aconteceu na Última Ceia, não entram em detalhes detalhados do ritual, já que eram bem conhecidos dos judeus a quem atribuíam seus escritos em prioridade.



Apostolado do Oratório

Em suas origens, enquanto os hebreus vagavam em uma vida nômade, a Páscoa era um banquete de pastores no qual um cordeiro era comido. Mais tarde, quando se estabeleceram em cidades e campos e se dedicaram à agricultura, também comeram o pão das novas colheitas; pães ázimos sem fermento, que representavam a partida precipitada do Egito; eles também comiam ervas amargas, o que significava a tribulação do cativo. O vinho não faltou e era bebido repetidamente em um copo comum. Leituras das Escrituras, canções e bênçãos também faziam parte do partido, que era eminentemente familiar.

No tempo de Jesus, quatro xícaras ou cálices de vinho pautavam o desenrolar da Ceia Pascal. O primeiro cálice chamado “da bênção” se bebia antes de comer as ervas amargas. Depois se lia a história do Êxodo referente à celebração da primeira Páscoa, celebrada imediatamente antes da partida do Egito, e o segundo cálice era bebido.

Esses rituais haviam sido naturalmente seguidos por Jesus e os apóstolos na Última Ceia; mas no momento ele ia para o terceiro cálice: “Enquanto eles comiam, Jesus pegou o pão e o abençoou, partiu e, dando-o aos seus discípulos, disse:” Tomai e comei, este é o meu corpo. “Então ele tomou um gole, deu graças e deu a eles dizendo: *“Bebei todos, pois este é o meu sangue da Aliança, que é derramado por muitos para o perdão dos pecados”. E digo-vos que de agora em diante não beberei do fruto da vinha até ao dia em que eu o beber convosco, novamente, no reino de meu Pai*” (Mt 26, 26-29).

A taça com o vinho que é transformado no precioso Sangue é o cálice sagrado que introduz uma nova e definitiva aliança, ratificada pelo próprio sangue do Salvador. Esta cerimônia e esta bebida tomaram o lugar do chamado terceiro cálice.

Imediatamente após a instituição da Eucaristia, Jesus interrompe a sequência da Ceia Pascal e sai da sala “... E cantando os hinos, saíram em direção ao Monte das Oliveiras” (Mt 26, 30).

O quarto cálice da Páscoa judaica era chamada de cálice “de consumação” ou “de realização”; Esse cálice não corresponderá aquela que foi heroicamente aceita e bebida até a última gota no dia seguinte, no alto do Calvário?

Uma das últimas palavras de Jesus na cruz foi: *“Tenho sede”* (Jo 19, 28); e depois exclamou: *“tudo está consumado”* (João 19, 30)... A morte de Cristo derramando todo o seu sangue, não é mais aquele cálice que ele próprio referiu na véspera, no Cenáculo, quando ele anunciou:



Apostolado do Oratório

“E Digo-lhes que de agora em diante não beberei deste fruto da vinha até o dia em que eu o beber convosco no Reino de meu Pai” (Mateus 26: 26-29), porque seu sangue é a bebida de Reino, o sacramento da vida eterna, mistério altíssimo, sublime e divino.

Mas... pobres prefiguras! O cordeiro sacrificial da Páscoa (“eles escolherão um cordeiro sem defeito, macho, nascido no ano”, Êxodo 12, 5), é uma pálida imagem do Cordeiro Imaculado de Deus que tira o pecado do mundo. O pão sem fermento é também um símbolo muito pálido da Hóstia consagrada. E o sangue com que as portas das casas foram pintadas é também uma figura muito pobre e desbotada do “Sangue da nova e eterna aliança que será derramada por você e por muitos, pelo perdão dos pecados” (palavras da Consagração na Missa).

Qual não será a força da realidade, se a simples prefigura foi causa de salvação? Nossa Eucaristia é uma Páscoa sublimada que se torna eterna!

Assunção, abril de 2018

*Conselheiro de Honra da Federação Mundial das Obras Eucarísticas e da Igreja.